

## RE-SIGNIFICANDO OS ESPAÇOS ESCOLARES: EXPERIÊNCIAS NA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Denise David Caxias  
denisecaxias@id.uff.br<sup>1</sup>

### Resumo

*Em uma sociedade dita pós-moderna, novos grupos sociais se formam e novas práticas vão se construindo a cada momento, muitos para re-afirmar suas identidades, outros em busca dela. A escola muito pode contribuir para a reflexão de sociedade que vivemos e buscamos. A integração da universidade com a comunidade a partir de ações junto a escolas locais é um caminho que tem demonstrado resultados satisfatórios e sólidos. A disponibilidade da escola, através da direção e corpo docente, a integração da equipe de trabalho advindos da universidade, a receptibilidade dos discentes e da comunidade onde a escola está inserida são significativos para o sucesso do que está se propondo. No entanto, esses fatores podem ser remodelados na construção do caminho do projeto. Aqui, a autora se propõe a relatar algumas de suas experiências de graduada em licenciatura e refletir sobre essas no que tange a projetos que integrem a realidade local e a identidade dos estudantes.*

**Palavras-chave:** Identidade, Escola, Ensino de Geografia.

### Introdução

A escola é o melhor canal de acesso às mudanças estruturais de uma sociedade, o processo ensino-aprendizagem é o veículo condutor para novas experiências histórica, política, cultural e social, desde que a identidade cultural seja respeitada e reconhecida pelos educadores aos educandos.

Partindo desse pressuposto, a presente autora se propõe a apresentar três experiências em sua formação docente: a primeira, no Colégio Estadual Fernando Magalhães - CEFEM, no bairro de Jurujuba, Niterói, RJ (Figura 1). Esse foi o primeiro encontro da autora com a educação pública durante a graduação (anos de 2011 e 2012), um projeto de extensão que se propôs a desenvolver atividades na escola em questão, buscando estabelecer relações com o cotidiano da comunidade (a escola localiza-se dentro de m bairro historicamente de Pesca).

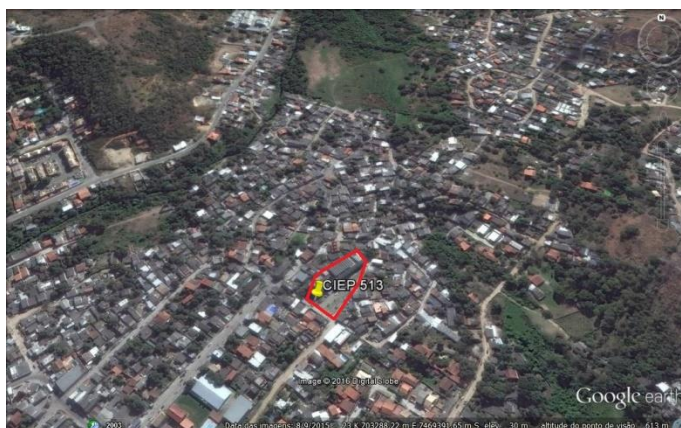
---

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal Fluminense e Mestranda no Programa de Pós-graduação em geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esse trabalho é resultado das experiências durante a graduação no Projeto de Extensão: Navegando na Baía de Guanabara, financiado pela PROEX UFF, e no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID - financiado pela CAPES.



**Figura 1:** Localização do CEFEM - Imagem editada do Google Earth

A segunda e terceira experiências foram vivenciadas no PIBID Geografia UFF. Durante os anos de 2014 e 2015, na comunidade denominada Risca Faca, no bairro Campo Novo, São Gonçalo, RJ. Sua localização pode ser observada na Figura 2. Um território dominado pelo tráfico, com ampla aceitação da religião evangélica e também com uma ampla rede migratória nordestina. Essa diversidade contribuiu para a realização de atividades próximas a realidade dos estudantes e debates referentes à atualidade social.



**Figura 2:** Localização CIEP 513 - Imagem editada no Google Earth

Essas experiências despertaram na autora a necessidade de contribuir para o ensino de geografia, tanto no âmbito da licenciatura (atuando com professora), como no âmbito acadêmico (artigos e trabalhos sobre o tema). Durante todas as atividades, o financiamento público na contribuição da formação docente, foi essencial para a realização do mesmo.

## **Extensão Universitária: redes para sustentar os laços da universidade na comunidade**

Durante a graduação, muitas críticas foram tecidas em encontros, seminários, grupos de estudos, entre outros, sobre a extensão universitária. Acionavam sempre o modelo de extensão, no qual a universidade chega, faz uma atividade e volta-se para si mesma no sentido de produzir. O debate sempre se encaminhava para o não vínculo da universidade com a comunidade. Esse tipo de discussão é necessário e bem-vindo, mas em muitos casos é fruto de um desconhecimento em relação aos tipos de extensão e como cada professor se comporta a frente de seus projetos. Durante dois anos, um projeto de extensão alcançou, através da escola, um canal de debate cultural promovendo a história do próprio bairro onde atuou. Isso demonstra o comprometimento do professor orientador do projeto, da própria universidade, dos bolsistas envolvidos e da escola em se colocar como ponte de acesso a comunidade, no caso aqui, Jurujuba.

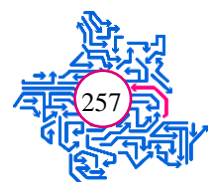
O bairro de Jurujuba recebeu durante os anos 1970 muitos migrantes, estes vieram com o sonho de ter uma vida melhor na região Sudeste brasileira, que era considerada uma das mais ricas e produtivas (prática comum nas décadas de 1950-80). E foi através da prática da maricultura que eles conseguiram se fixar no local. Prática essa que era desvalorizada no local por ser a Pesca já consolidada<sup>2</sup>. (RITTER, 2007) Nesse ínterim espaço-temporal, a apropriação do espaço, através da utilização do mesmo para busca de recurso de subsistência e sobrevivência, enraíza o poder simbólico do território.

No entanto, ao longo das visitas na escola estadual, percebemos uma prática preconceituosa em relação ao trabalho da maricultura no local, principalmente pelas crianças da escola, que gritavam do pátio (que fica próximo a área de cultivo de mariscos): “olha as marisqueiras ali” e riam, com desdém; como pelo poder estatal, via Secretaria da Pesca, que não consideravam as marisqueiras como trabalhadoras da Pesca, e por isso durante a época de reprodução não recebiam o seguro-defeso<sup>3</sup>. Essa realidade tinha de ser revista e a atividade econômica que sustentava muitos daqueles estudantes, precisava ser re-significada.

---

<sup>2</sup> Jurujuba é um bairro que possui uma história de estratégia militar desde a fundação do Brasil, maior complexo de Fortes fica nessa comunidade. Em sua história também há a ocupação espacial a partir da Pesca, por ser localizado como uma ilha na Baía de Guanabara.

<sup>3</sup> O período de reprodução da espécie do mexilhão chama-se defeso, como na época as muitas mulheres que trabalhavam no descasco do marisco não eram consideradas trabalhadoras como os homens, elas faziam artesanato, usando as cascas do marisco como fonte de renda



Com essa problemática em questão, nosso principal objetivo atuando na escola foi: reconstruir os olhares e significações acerca da relevância social dos maricultores e marisqueiras. E esse objetivo foi alcançado ao longo de um ano em atividades diversas que envolveram toda escola. Mas não somente a escola. Realizamos trabalho de campo no bairro com os estudantes do ensino médio (Figura 3), juntamente com o professor de geografia da turma, que resultou num mapa com organização social da comunidade que poder ser observado na Figura 4.



Figura 3: Trabalho de campo na turma 1001 – CEFEM - Foto: Denise Caxias, 2011.

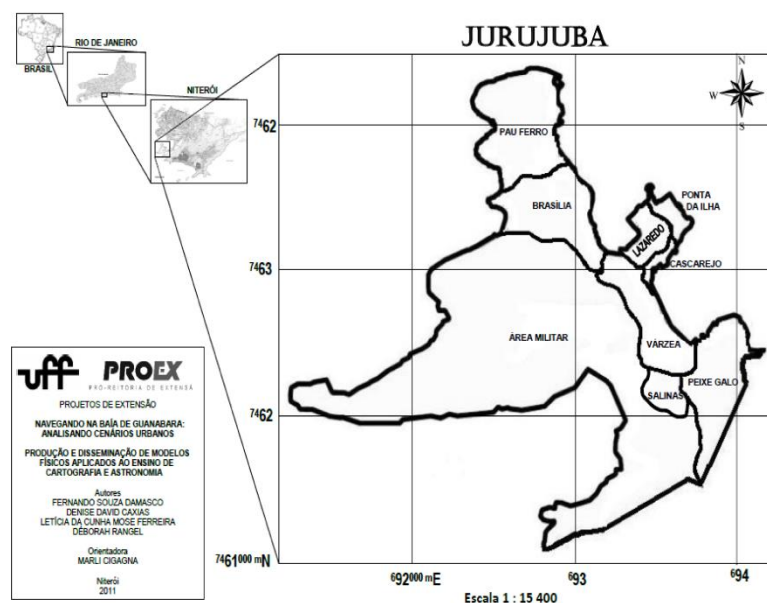


Figura 4: Mapa com a organização social da comunidade

Acreditamos que as experiências de mapeamento participativo e cartografia social, podem não somente servir a estratégias de produção e controle e construir direitos territoriais como afirma Acselrad (2010), mas também fortalecer os laços de pertença a seus espaços de referência identitária (Poche, 1983).

E esses laços construíram novas experiências locais. A escola realiza anualmente a Feira Multidisciplinar – FEMULT, no ano de 2011 o tema da Feira foi: “Cenários e Viveres

do bairro de Jurujuba”. Com toda a diversidade possível, teatro, dança, cordéis, jogos, oficinas, a reinvenção do bairro possibilitou novos olhares, novas vivências. Professores de diversas disciplinas aceitaram a proposta e contribuíram sensivelmente para a construção desse momento. A Feira foi um sucesso em sua mais ampla complexidade esperada. Pontuschka (2009) pontua:

“O pensar interdisciplinar vai à busca da totalidade na tentativa de articular os fragmentos, minimizando o isolamento nas especializações ou dando a elas e promovendo a compreensão dos pensamentos e das ações desiguais, a não fragmentação do trabalho escolar e o reconhecimento de que alunos e professores são idealizadores e executores de seu projeto de ensino. O conjunto de tais princípios requer a ruptura com uma metodologia de ensino arraigada em nossas escolas e assumida pelos professores como “normal”.”  
(PONTUSCHKA, 2009)

E desse modo nos convida a repensar as práticas pedagógicas e nosso sentido de “disciplina isolada”, não é apenas a geografia por si mesma que será capaz de mudar as estruturas educacionais, mas o diálogo interdisciplinar pode apontar esse horizonte. As histórias e estórias de Jurujuba foram contadas (Figura 5) através da expressão corporal, com danças; da Interpretação uniu a Língua Inglesa e Espanhola, que juntos possibilitaram uma peça teatral ; pela Literatura e Língua Portuguesa, com poesias, poemas, cordéis, contos ; pela Matemática, com jogos; pela Geografia, com trabalhos de campo no bairro, oficinas cartográficas; pela Biologia e Química, com uma oficina pra entender a produção e reprodução do Marisco e o momento de degustação do marisco pelos estudantes e a comunidade presente na escola (Figura 6).

As mudanças puderam ser observadas nas relações que começaram a se estabelecer na própria escola. Não se ouvia mais falas preconceituosas quanto a atividade maricultora, esta passou a ser re-conhecida. Esse re-descobrir seus “lugares” e “territórios” contribuiu significativamente para a realização de uma exposição com imagens antigas do bairro.



## 5º Encontro Regional de Ensino de Geografia

As políticas curriculares e o Ensino de Geografia  
Campinas, 20 a 22 de outubro de 2016



**Figura 5:** atividades realizadas na FEMULT - Foto: Denise Caxias, 2011



**Figura 6:** Oficina do mexilhão, conhecendo e re-conhecendo a espécie e Degustação do Marisco  
Foto: Denise Caxias, 2011.

A exposição aconteceu na Biblioteca Popular Municipal Lídice Fróes Rodrigues em outubro de 2012, que fica ao lado de uma Escola Municipal em Jurujuba. A exposição (Figura 7) foi um sucesso e alcançou não só as crianças da Escola Municipal, cujo era o principal objetivo, mas também a comunidade local.

A Universidade junto a comunidade, o tripé pesquisa, ensino e extensão foi essencial para a materialização desta pesquisa. É necessário na comunidade acadêmica apresentarmos esse trabalho, como já salientamos, a extensão muitas vezes é “vista” com maus olhos, e aqui rerepresentamos de forma sólida e consistente.



Figura 7: Exposição realizada em Jurujuba - Foto: Denise Caxias, 2012

### **Risca Faca: o “perigo” do PIBID na construção de novas práticas pedagógicas – experiências nos sétimo ano e primeiro ano (ensino médio) do CIEP 513**

Risca Faca significa lugar de muita briga ou lugar perigoso, segundo os estudantes moradores do bairro Campo Novo. Nesse bairro fica o Centro Integrado de Educação Profissional 513 – George Savalla Gomes, mais conhecido como Palhaço Carequinha. No cotidiano escolar, através de conversas com estudantes e funcionários descobrimos a nordestinidade dos mesmos, de forma contraditória e muitas vezes revelando preconceitos.

Num país caracterizado por intensos fluxos migratórios, como já citamos anteriormente, observamos que o preconceito é social e precisa ser desconstruído, já que nossa sociedade é marcada pela intensa miscigenação cultural.

Ao longo da nossa inserção na escola em 2014 nos deparamos com essa questão nos discursos e práticas de diversos estudantes, os quais subalternizam indivíduos e o nordeste como um todo. Vale ressaltar aqui, que o grupo do PIBID que participamos se propunha a reunir-se uma vez por semana para discutir as impressões observadas na escola e também a reflexão de textos acadêmicos e livros sobre ensino de geografia, geografia e educação. Nesse sentido, levamos para o debate coletivo o problema do preconceito e a partir da roda coletiva de conversas e experiências, optamos por realizar um trabalho de reconhecimento do nordeste.

Levamos para a aula imagens de lugares paradisíacos (Figura 8) em diversos estados nordestinos e sem dizer a turma de onde era, perguntávamos onde seriam aquelas imagens. E as repostas foram surpreendentes como podemos observar na figura 9, escrevemos no quadro o que eles diziam: Califórnia, França, Ilha Perdida, Turquia, Londres, Havaí, entre outros.



Figura 8: Imagens levadas para oficina em sala 7º ano - Imagens: Copiladas do Google Imagens

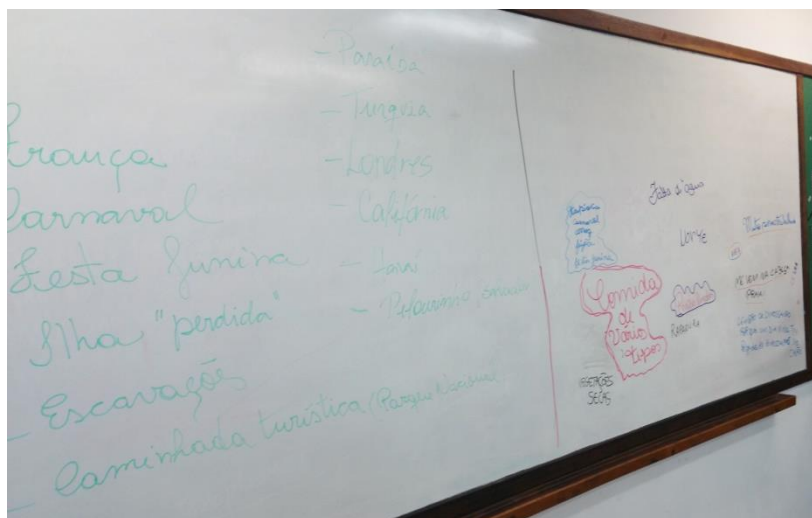


Figura 9: Quadro durante atividade do PIBID – 2014 - Foto: Denise Caxias, 2014

Após eles dizerem de onde acreditavam serem as imagens, perguntamos o que vinha a cabeça deles quando pensavam no nordeste, e muitos disseram: seca, falta de água, vegetação seca, praia, rapadura, comidas típicas entre outras. Em seguida relatamos os lugares nas imagens apresentados e muitos estudantes ficaram surpresos. Nesse momento, apresentamos um debate sobre as diferentes visões de nordeste e como elas foram criadas.

Quando discutimos essas dimensões da construção do imaginário dos lugares, buscamos focar no conteúdo curricular. O foco do currículo mínimo do sétimo ano (, currículo Mínimo – RJ - 2011) trata da identificação dos elementos sociais, culturais, econômicos e políticos que conferem identidade às regiões brasileiras, elencando questões que marcam algumas regiões como: a indústria da seca no Nordeste; desmatamento na Amazônia; problemas urbanos no Sudeste etc.; identificação das principais concentrações populacionais no território brasileiro, identificação das principais características étnico-culturais da população brasileira, relacionando-as às matrizes de referência étnica e cultural; conhecimento da estrutura demográfica brasileira, caracterizando as diferenças entre os



principais fluxos migratórios intra e inter-regionais e urbanos no Brasil, em diferentes períodos, identificando assim as principais dinâmicas da população em diversos momentos. Essas características essenciais do currículo coincidentemente se alinharam as necessidades observadas pelos bolsistas na turma.

Usamos como estratégia o tema “migrações” e pedimos para que eles aplicassem um questionário a uma pessoa conhecida com o objetivo de sabermos se eram parentes ou não, de qual estado migraram e por que migraram. A partir dessas informações fizemos debates e um mapa com os fluxos migratórios (Figura 10) problematizando a identidade nordestina que se construiu no bairro, levando os estudantes a reconhecer a trajetória de vida de seus antecedentes, e as interações sócias territoriais que re-significa os espaços, com o intuito de que compreendessem a produção de lugares e territórios.



**Figura 10:** Construindo o mapa de fluxos migratórios 7º ano - Fotos: Lívia Vargas<sup>4</sup>, 2014

Uma das inquietações nossas durante o ano de 2014 era de como adequar o que considerássemos necessários como intervenção pedagógica ao conteúdo escolar. Nessa turma isso foi possível. Obtivemos através das falas, discursos e debates, mudanças no cotiando das aulas. Muitos estudantes relataram sentir o preconceito de serem nordestinos ou filhos de nordestinos migrantes, e esse relato foi muito relevante para os próprios estudantes perceberem a problemática do preconceito em suas “brincadeiras”. Também ficamos muito felizes com o fato dos estudantes se sentirem livres para expor suas posições. A aproximação com essa turma foi bem realizada e conseguimos manter um cronograma de trabalho, bem diferente do ocorrido na turma 1001, em 2015.

<sup>4</sup> Lívia Vargas é professora de geografia no CIEP 513 e foi a supervisora dos bolsistas do PIBID em 2014 e 2015.

Na turma do 1º ano, tivemos dificuldade na aproximação. Os estudantes do ensino médio nos pareceram “desconfiados”, foi um grande desafio pra nós. Por isso optamos por uma alternativa na qual apresentamos determinados assuntos e cada um escolheu o que se identificava para falar sobre o assunto. Separamos imagens e palavras como na Figura 11, escolhidas de forma semi-aleatória, temas como redução da maioria penal, tráfico de drogas foram escolhidos por serem os temas em destaque na época pelos jornais e revistas, temas como amor, liberdade, felicidade escolhemos por serem temas comuns e algumas imagens como fotografia da polícia em comunidades, mapa do Brasil temático, entre outros.

Fizemos um círculo com as cadeiras e colocamos as palavras e imagens no meio da roda (Figura 11), assim cada um levantava e escolhia o que se identificasse e dissertava sobre a escolha. Para nossa surpresa, a escolha do “Tráfico de Drogas” gerou certa comoção na turma, e os estudantes começaram a desenvolver o tema. Essa oficina rendeu duas aulas e se desdobrou em outras atividades, como o debate de gênero, as atuais políticas nacionais que atingem diretamente os jovens, como redução da maioria penal, legalização das drogas e uma oficina de cartazes.



**Figura 11:** Oficina de aproximação, turma 1001 - Fotos: Denise Caxias, 2015

A atividade foi importante na aproximação e para a construção de uma formação cidadã que a escola se propõe, no entanto o tema não se adequava ao currículo mínimo, mas se enquadrava nos temas transversais, e nessa brecha continuamos paralelamente as atividades curriculares, desenvolvendo as oficinas ao longo do ano.

O PIBID torna-se um “perigo” numa sociedade cada vez mais conservadora e retrógrada, os temas tratados, mesmo configurando o debate identitário social e cultura, são considerados um desafio escolar. A interdisciplinaridade é fundamental no processo educacional, mas o olhar da geografia tem o compromisso espacial. As categorias de análise

da geografia, lugar, território, rede, paisagem, perpassam todas as veias de ação nas políticas de educação e por isso, essa ciência é cada vez mais relevante para o debate da sociedade.

### Arremates

As experiências relatadas mostram como os projetos educacionais podem construir a reapropriação da história da comunidade pelos alunos; um novo olhar dos moradores sobre seu próprio “lugar” e a promoção da autonomia do indivíduo pelo resgate da memória identitária. Como Cruz (2007) afirma: “A identidade é sempre uma construção histórica e relacional dos significados sociais e culturais que norteiam o processo de distinção e identificação de um indivíduo ou de um grupo”. Nesse sentido, projetos como a Extensão Universitária e o PIBID fortalecem a educação como via principal de transformação da sociedade e das realidades locais, demandando escolas e educadores comprometidos com este movimento de re-significação dos espaços, do mundo e do próprio ser.

### Referências bibliográfica

ACSELRAD, Henri. Mapeamentos, identidades e territórios, In: \_\_\_\_\_(org). **Cartografia Social e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano e Regional, 2010.

CRUZ, Valter do Carmo. Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia, in: **Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. Orgs. ARAUJO, F. G. B. e HAESBAERT. Rio de Janeiro: Access, 2007.

POCHE, B. **La région comme espace de référence identitaire**. In : Espaces e Sociétés n° 42, 1983.

PONTUSCHKA, Nídia; PAGANELLI, Tomoko Yida; CACETE, Núria Hanglei. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

RIO DE JANEIRO. **Currículo Mínimo**. Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

2011. Rio de Janeiro. Disponível em:  
[http://download.rj.gov.br/documentos/10112/2012465/DLFE-68120.zip/cm\\_10\\_6\\_\\_0.zip](http://download.rj.gov.br/documentos/10112/2012465/DLFE-68120.zip/cm_10_6__0.zip)  
Acesso em: 21 ago. 2016

RITTER, Paula Duarte. **Da roça ao mar: estudo de uma comunidade de marisqueiros em Jurujuba, Niterói, RJ**. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.